

Mapeando o mundo dos Institutos de Estudos Avançados sediados em Universidades

*WERNER FRICK, CARSTEN DOSE
e ANNA ERTEL*

FOI NO verão de 2009 que pensamos pela primeira vez em organizar um encontro mundial de Institutos de Estudos Avançados Sediados em Universidades (Ubias – University-Based Institutes for Advanced Studies). Começamos fazendo buscas na internet e logo nos surpreendemos com a quantidade de Institutos desse tipo em todo o mundo.

Já tínhamos contato com diversos renomados Institutos de Estudos Avançados (IEA) que não são sediados em Universidades, como o famoso IEA de Princeton, que tomamos como modelo para criar um Instituto como o nosso. Fomos até Princeton e visitamos outros Institutos famosos, como o National Humanities Center, os Institutos em Palo Alto, Uppsala e Wassenaar e o Wissenschaftskolleg em Berlim. Tivemos recepção muito calorosa em todos eles, desfrutamos sua generosa hospitalidade e recebemos ótimos conselhos em todos esses lugares maravilhosos. Aprendemos muitas coisas nesses encontros e pudemos entender os princípios e os fundamentos que os fazem funcionar, desde a necessidade vital de padrões acadêmicos e procedimentos de seleção rigorosos até a importância de atividades culturais capazes de fomentar a comunidade e também de questões de ordem prática, como refeições em comum com todos os membros do Instituto a intervalos regulares. Temos todos os motivos para sermos gratos a essas instituições extraordinárias e as acatamos como modelos muito atraentes. Foram elas que estabeleceram os padrões desses Institutos e a excelente reputação hoje desfrutada pelo termo “IEA” se deve a seus trabalhos e esforços pioneiros.

Não há, entretanto, como negar uma diferença fundamental, pois a premissa de nossas visitas é que estávamos montando um Instituto cujo objetivo seminal eles não compartilhavam, a saber, servir a nossa Universidade de 550 anos e integrar o novo Instituto na sua estrutura acadêmica existente. Com o tempo, descobrimos que essa característica – criar um IEA *dentro* e como parte integrante de uma universidade tradicional – faz toda a diferença imaginável,

implica desafios diferentes e abre potenciais distintos. Foi com a ambição de aprendermos mais sobre as especificidades desse novo tipo “híbrido” de Ubias que convidamos representantes de instituições semelhantes à nossa em um aspecto fundamental: todos nós fazemos parte de Institutos de Estudos Avançados que integram um contexto acadêmico maior e cuja identidade depende, de maneira vital, da constante definição e redefinição de seu relacionamento com as instituições que os abrigam.

É claro que, quando decidimos analisar mais especificamente esse tipo particular de Instituto sediado em Universidade, imediatamente descobrimos que eles são bastante diferentes uns dos outros.

De modo que a primeira pergunta é, na realidade, se os Ubias constituem de fato um tipo distinto de instituição ou se estamos diante de um *continuum* multifacetado de ambientes institucionais diferentes, em que as fronteiras entre os Ubias e departamentos universitários, centros de ciências humanas, núcleos de pesquisa ou outros tipos de centros interdepartamentais são indistintas ou nebulosas. Ou, para sermos mais francos: Faz sentido ter convidado precisamente essa seleção de Institutos para serem representados na conferência de Freiburg?

Como veremos, as respostas que recebemos ao nosso questionário *confirmam* a conclusão de que há, de fato, um conjunto de características comuns que podem servir para elaborarmos uma definição provisória do que constitui um Ubias. Isso posto, porém, precisamos estar cientes também das diferenças e dissimilaridades específicas que existem entre os nossos Institutos – e a conferência nos dará ampla oportunidade de discuti-las em grande detalhe.

Principais características dos Ubias

Com base nas informações que obtivemos por meio das respostas ao nosso questionário, gostaríamos de delinear algumas características relevantes dos Institutos de Estudos Avançados Sediados em Universidades, ressaltando os traços comuns e também as distinções. Depois de esboçarmos algumas características gerais, examinaremos em mais detalhe alguns aspectos particularmente interessantes.

O questionário foi enviado antecipadamente a todos os 32 Institutos participantes. Permitiu que coletássemos informações estatísticas básicas sobre esses Institutos, assim como *insights* sobre seu modo de trabalho e seus objetivos estratégicos. O questionário tentou levar em conta a multifária variedade de configurações institucionais existentes e foi flexível o bastante para retratar adequadamente o perfil específico de cada instituição. Os resultados apresentados na conferência não têm a pretensão de fornecer dados empíricos confiáveis; visam apenas apontar alguns pontos interessantes para discussão ulterior.

Partindo da ideia básica dos IEA tradicionais, como o de Princeton ou o Wissenschaftskolleg em Berlim, os Ubias buscam promover pesquisas inovadoras e de alto nível oferecendo espaço, tempo e as instalações necessárias para pesquisadores de destaque e jovens estudiosos promissores. Eximidos de (algu-

mas ou da maioria de suas) outras obrigações, os beneficiários desses Institutos, geralmente designados *fellows*, podem se concentrar (plenamente) em suas pesquisas e levar adiante seus projetos, seja como pesquisadores individuais, seja em estreita colaboração com grupos ou equipes de pesquisa. A ideia subjacente é que a pesquisa de alta qualidade requer condições de trabalho excelentes, o que inclui a criação de um ambiente acadêmico vivaz e inspirador. Ao criarem esse espaço *dentro* das Universidades, os Ubias contribuem para preservar e aprimorar a excelência acadêmica e desempenham papel importante na promoção de jovens cientistas.

Além disso, os Ubias tendem a ser caracterizados pela ambição de reunir os melhores pesquisadores ao longo de certo período de tempo. De modo geral, esses pesquisadores são recrutados tanto da Universidade em que o Instituto está inserido *como* da comunidade acadêmica mundial. Assim, os Ubias constituem uma plataforma para o intercâmbio científico internacional e trazem estudiosos do mais alto nível para suas respectivas Universidades. São, portanto, um instrumento formidável para promover a internacionalização de uma Universidade de pesquisa e para reforçar suas colaborações interinstitucionais. Há Institutos que preferem se concentrar no potencial acadêmico da própria Universidade que os sedia, como há também alguns poucos que só admitem estudiosos vindos de fora. Isso pode nos levar a tentar equacionar o equilíbrio certo entre pesquisadores vindos de fora e de dentro da Universidade.

Voltadas para pesquisadores individuais e seus perfis, as bolsas de pesquisa [*fellowships*] são o instrumento mais importante, mais visível e mais utilizado para fomentar e revigorar pesquisas de alta qualidade. Promover *pesquisadores individuais* excepcionais é um objetivo central de muitos dos nossos Institutos. No entanto, *grupos* ou *equipes* de pesquisa também desempenham papel importante no cenário de diversos Institutos, especialmente no âmbito das atividades interdisciplinares de pesquisa.

Existem diferenças enormes no número de *fellows* que visitam nossas instituições cada ano. Um Ubias de porte médio tem algo em torno de 30 a 50 *fellows* por ano, mas há muitos Institutos com números menores.

Existe ampla gama de arranjos e tipos de bolsa possíveis para diferentes tipos de *fellows*: internos/externos, residentes, visitantes, de verão, seniores, juniores, em início de carreira, pós-doutorados e até mesmo professores.

Via de regra, a duração da bolsa de pesquisa varia entre algumas semanas ou meses e vários anos. Bolsas permanentes são uma rara exceção, embora existam. A maioria dos Institutos seleciona seus *fellows* por meio de anúncios abertos e de um processo de candidatura (internacional), normalmente monitorado por um conselho consultivo ou outra comissão de seleção de alto nível. Alguns também convidam pesquisadores excepcionais para receber uma bolsa de pesquisa do Instituto. Seria interessante conhecer a experiência de cada Instituto nesse campo: Quais procedimentos e arranjos são tidos como os mais adequados para

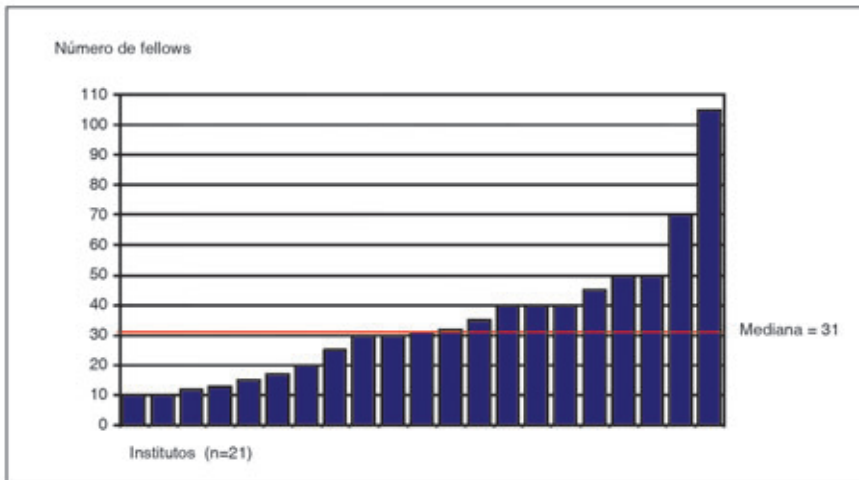


Gráfico 1 – Número de *fellows* por ano em diferentes Institutos.

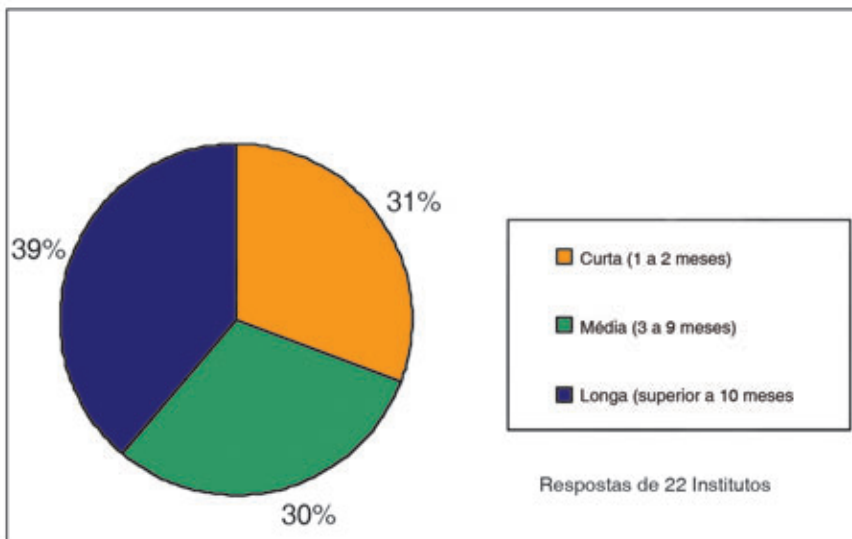


Gráfico 2 – Duração da estada e da bolsa.

identificar os melhores candidatos para uma bolsa de pesquisa e para promover pesquisas extraordinárias? Existem diferenças entre as disciplinas acadêmicas – diferentes necessidades, prioridades e considerações?

Com relação ao envolvimento e à dedicação dos *fellows*, a maioria dos Institutos espera que eles participem regularmente de atividades acadêmicas, como seminários, colóquios, *workshops* etc. Como regra, os *fellows* são convidados a apresentar seu trabalho para outros *fellows* e/ou membros da Universidade durante o período da bolsa e também a participar ativamente das apresentações de

outros *fellows* e dos debates subsequentes. Alguns Institutos julgam que atividades sociais regulares – como almoços coletivos, jantares etc. (várias vezes por semana ou mesmo diariamente) – são uma parte importante do programa, um bom número dos quais tem cláusulas explícitas de residência.

A ideia original por trás do IEA de Princeton foi liberar os pesquisadores dos ônus de trabalhar em uma Universidade – incluindo o de lecionar. Seguindo essa tradição, a maioria dos Institutos não faz exigências formais de ensino, embora alguns esperem que seus *fellows* deem palestras (muitas vezes públicas, ou pelo menos acessíveis a um público universitário mais amplo) e um pequeno número associe especificamente a bolsa de pesquisa ao ensino (especialmente de pós-graduação) e enfatize a importância de lecionar ou de outras formas de intercâmbio com jovens pesquisadores (por exemplo, um *fellow* supervisionar alunos de pesquisa).

A julgar pelas respostas ao nosso questionário, a maioria dos Institutos abre seus eventos aos alunos, mas lecionar geralmente não é necessário para os *fellows*, e apenas alguns Institutos têm programas próprios de graduação ou pós-graduação. Alguns oferecem programas bastante elaborados e esforçam-se para envolver os alunos, especialmente mestrandos e doutorandos, nas suas atividades; em outros, a participação dos alunos é bastante limitada ou mesmo inexistente. Obviamente, o espectro de possibilidades entre forte integração e total exclusão de alunos é bastante amplo.

A maioria dos Institutos é aberta a uma ampla gama de disciplinas, ou mesmo a todas, mas um bom número se concentra em um conjunto menor de disciplinas, em ciências humanas, sociais ou naturais e técnicas. Apenas alguns têm forte foco disciplinar ou excluem explicitamente certas disciplinas.

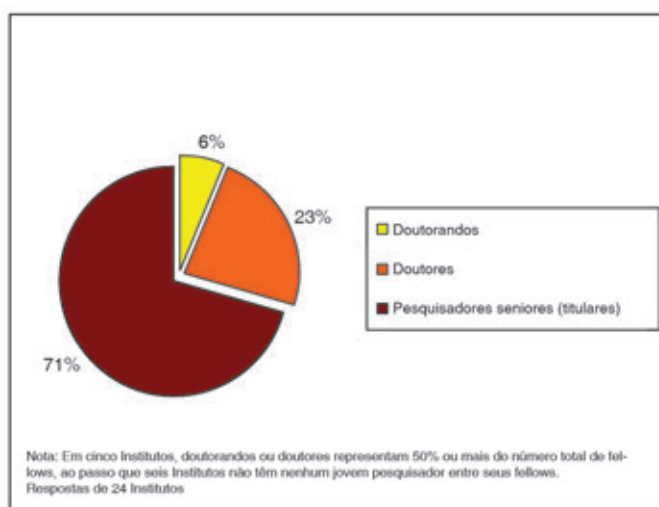


Gráfico 3 – Situação profissional dos *fellows*.

Um número maior de Institutos, em vez de se identificar por meio de disciplinas, anuncia programas temáticos ou áreas específicas de pesquisa e reúne pesquisadores individuais ou grupos de pesquisa (de diferentes disciplinas) em torno desses temas. Em muitos deles, organizar as atividades em torno de projetos ou de programas parece ser mais atraente do que uma estrutura baseada na afiliação departamental dos *fellows*. Também aqui seria interessante conhecer mais sobre as ideias por trás desses conceitos e sobre a experiência dos vários Institutos com esses modelos: Quais são as vantagens e desvantagens das diversas opções, isto é, do foco temático ou disciplinar em oposição a uma orientação mais ampla?

Aspectos e metas específicos

Interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade tornou-se um chavão onipresente no mundo acadêmico. De acordo com as respostas que obtivemos ao nosso questionário, quase todos os Institutos confessam ter forte interesse em promover pesquisas, intercâmbios, colaboração e diálogos interdisciplinares. Eles apoiam e incentivam o intercâmbio entre disciplinas e proporcionam tempo e espaço para que isso ocorra. Também enfatizam a orientação interdisciplinar de muitos de seus eventos. Mas apenas alguns indicam a pesquisa interdisciplinar como seu principal objetivo e critério para selecionar seus integrantes e seus *fellows*.

Como a definição e a prática da interdisciplinaridade parecem ser um dos objetivos mais desafiadores, gostaríamos de examinar esse aspecto em mais detalhe:

- Existem formas leves de intercâmbio interdisciplinar, por exemplo, conferências interdisciplinares com participantes de várias disciplinas, que examinam um assunto a partir de perspectivas diferentes; ou intercâmbio geral/informal entre *fellows* de disciplinas diferentes. Esse tipo de intercâmbio parece ser muito comum.

- Formas um pouco mais intensas de intercâmbio interdisciplinar incluem a colaboração efetiva em projetos conjuntos de pesquisa entre *fellows* de disciplinas vizinhas (por exemplo, entre historiadores e arqueólogos ou entre matemáticos e biólogos teóricos).

- As formas mais intensas de intercâmbio interdisciplinar incluem a colaboração entre diferentes “culturas acadêmicas” (por exemplo, entre *fellows* das ciências humanas e das ciências naturais), cruzando assim as fronteiras estabelecidas entre disciplinas/culturas acadêmicas.

Um interessante exemplo alemão desse tipo de configuração interdisciplinar intensa é o Zentrum für Interdisziplinäre Forschung (ZIF), em Bielefeld, onde grupos interdisciplinares de pesquisa (que atraem estudiosos de diferentes disciplinas) constituem o núcleo do Instituto. Existem configurações institucionais semelhantes em outros lugares.

Relações entre os Ubias e a Universidade

O próprio termo Ubias sugere que a relação específica entre esse tipo de Instituto de Estudos Avançados e a Universidade em que está sediado ou à qual está filiado é uma característica fundamental de sua identidade e, portanto, merece atenção especial. Por meio de nosso questionário, buscamos saber mais sobre essa constelação especial: Como cada Instituto se integra ao contexto institucional maior da sua Universidade? Até que ponto é dependente da Universidade e qual é o seu grau de autonomia?

As relações entre esse tipo especial de centro de pesquisa e a “sua” Universidade se dão em diferentes níveis. Em termos de governança, por exemplo, é interessante descrever sua autonomia administrativa, financeira e científica em oposição a padrões de dependência. Os seguintes atributos parecem ser representativos de um grande número de Institutos: eles são relativamente autônomos em termos de seu currículo acadêmico e de pesquisa, embora sejam fortemente dependentes quanto a seu orçamento financeiro e estejam intimamente ligados à reitoria da Universidade. Ainda que existam alguns casos de autonomia orçamental, a maioria dos Institutos depende, pelo menos em certa medida, de verbas provenientes de suas respectivas Universidades (combinadas com outras fontes, como financiamento governamental e doações ou dotações particulares). Em épocas e contextos de Universidades com orçamentos limitados, e muitas vezes decrescentes, encontrar formas alternativas de financiamento, especialmente de fontes privadas, parece ser uma das tarefas mais importantes e difíceis para o futuro.

Quais são os benefícios dos IEA para a Universidade? Ou, para citar a ideia de uma das respostas ao nosso questionário, um Instituto de Estudos Avançados é um elixir importante e revigorante para a Universidade, ou apenas um luxo? Em nossa opinião – e de acordo com muitas respostas ao questionário –, os IEA devem idealmente funcionar como incubadores em campos de pesquisa inovadores, reunindo uma massa crítica de pesquisadores exemplares que, se beneficiando de condições relativamente favoráveis e aproveitando-as ao máximo, produzem pesquisas de alto nível. Desse modo, os centros de pesquisa podem energizar a cultura de pesquisa da Universidade e promover sua excelência acadêmica e sua visibilidade.

Os IEA podem desempenhar papel igualmente importante na internacionalização de suas Universidades, atraindo pesquisadores de alto nível e conectando-os com a comunidade acadêmica local. Claro, há diferenças consideráveis no modo como professores e estudiosos são integrados ao Instituto e também no modo como estudantes e professores universitários unem forças em contato frutífero com os *fellows* do Instituto de pesquisas.

Além de descrever os benefícios perceptíveis para as Universidades, parece-nos legítimo fazer outra pergunta, um pouco mais ampla: Até que ponto o Instituto tem impacto na sociedade em geral? Isso leva à questão de suas relações com o público, algo mencionado diversas vezes nos questionários: além de oferecerem “atividades” acadêmicas típicas como seminários, conferências, *workshops*

e palestras, alguns Institutos enfatizam especificamente seu papel como “*think tanks*” públicos, dedicam grande esforço para planejar eventos de maior alcance e ressonância entre o público – por exemplo, palestras públicas – e aspiram explicitamente a conquistar a atenção do público, impactá-lo e promover debates. Alguns Institutos também se envolvem com as artes, organizando exposições de arte ou oferecendo bolsas para artistas em residência. Seria interessante conhecer mais sobre as iniciativas de cada Instituto nessa direção.

Networking e interação

Todos os Institutos consideram a colaboração e o intercâmbio internacionais e/ou interinstitucionais características altamente importantes. Mas, também aqui, há diferentes formas e graus de colaboração, desde contatos informais até acordos e parcerias oficiais. Quase todos os Institutos já interagem em âmbito nacional e/ou internacional, e alguns são membros de redes preexistentes, como Sias (a associação de “Alguns Institutos de Estudos Avançados” [Some Institutes of Advanced Studies] fundada por diversos renomados IEA que seguem o modelo autônomo de Princeton), NetIAS (rede de Institutos europeus de estudos avançados) ou CHCI (o já consolidado Consórcio de Centros e Institutos de Humanidades [Consortium of Humanities Centers and Institutes]). Vários outros Institutos definiram parcerias formais com instituições selecionadas de sua própria escolha.

Os IEA e o futuro da Universidade

Constatamos que, de modo geral, os Ubias são um tipo institucional suficientemente flexível para se adaptar a condições locais bem diferentes, embora possuam ao mesmo tempo um conjunto reconhecível de características relativamente estáveis. Examiná-las nos ajudará a interpretar a última constatação do nosso pequeno questionário, a saber, o aumento acentuado do número de Institutos desde o final dos anos 1990, tomando por base as datas de fundação dos Institutos reunidos na conferência. É um fato incontestável, ainda que o conceito de Instituto de Estudos Avançados (ou mesmo de IEA ligado a uma Universidade) seja tudo menos novo.

Evidentemente, esse diagrama coloca-nos a questão de como as coisas se desenvolverão nos próximos anos. Testemunharemos a fundação de novos Ubias? E qual será a sua função específica no quadro mais amplo do ensino e das pesquisas de nível superior em todo o mundo?

Uma hipótese, admitidamente defensiva, é que muitas Universidades, impossibilitadas de transformar sua configuração institucional, poderão ficar tentadas a concentrar recursos financeiros e intelectuais nesses centros e usá-los como seu carro-chefe ou instituição de proa, desviando a atenção das deficiências do “resto”, a saber, as faculdades que a constituem. Em muitos países, em face de contínuos cortes no orçamento e da incapacidade ou falta de vontade de muitos governos estaduais investirem substancialmente em suas universidades subfinanciadas, essa pode ser uma estratégia que talvez tenhamos de adotar.



Participantes dos Institutos de Estudos Avançados Sediados em Universidades (Ubias).

Uma visão mais otimista entende os Ubias como laboratórios – um campo experimental e vicário no qual as Universidades contemplan qual direção devem seguir no futuro. Os Ubias se tornariam então indicadores da necessidade de tais processos de reorientação – e podem eles próprios se tornar uma ferramenta útil para conduzir essa mudança. Nesse sentido, parece legítimo perguntar que tipo de lições nossa experiência com essa instituição específica – o Instituto de Estudos Avançados sediado em Universidade – pode nos ensinar sobre o futuro desenvolvimento das Universidades em geral.

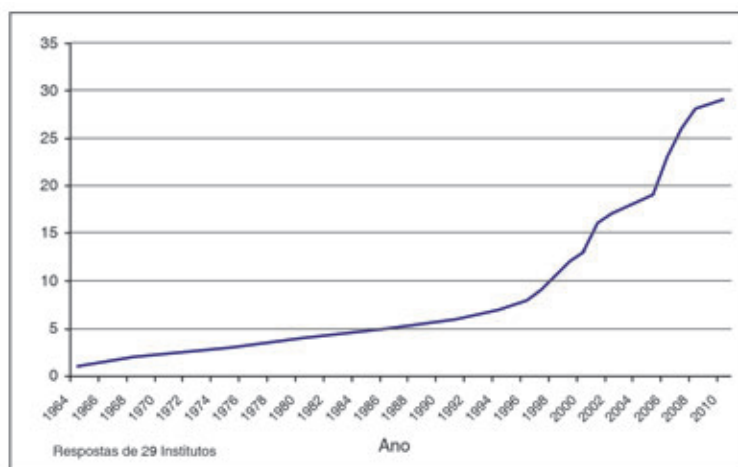


Gráfico 4 – Ano de fundação dos Institutos participantes.

Com essas várias forças motrizes em mente, examinemos brevemente cinco aspectos centrais do conceito de Ubias, discutindo-os como indicadores não só das possíveis deficiências das Universidades em geral, mas também de como a transformação das Universidades deverá proceder nos anos vindouros.

Primeiro, com toda a certeza, a atividade mais importante dos Ubias é trazer acadêmicos e estudiosos de diferentes Universidades, países e continentes e reuni-los por um período de tempo longo o suficiente para que as pessoas se conheçam e estabeleçam uma comunicação densa entre si – a base de toda colaboração acadêmica significativa e produtiva. Em certo sentido, os Institutos de Estudos Avançados ocupam um meio-termo entre os encontros em conferências e a contratação de professores por períodos mais longos ou permanentemente. É claro que muitas universidades sentem a necessidade de amparar melhor esse tipo de intercâmbio de médio prazo.

Em segundo lugar, como vimos, a maioria dos IEA enfatiza a personalidade e o perfil individual dos acadêmicos convidados. Os IEA explicitamente não são apenas as instituições integradas de pesquisa. Pelo contrário, parte importante de seu trabalho é conceder aos seus *fellows* a liberdade para levarem adiante projetos da sua própria escolha. De uma perspectiva alemã (e talvez de outras nacionalidades também), isso pode ser interpretado como uma contrarreação ao gerencialismo e à conseqüente burocracia que tantas vezes caracterizam a vida universitária de hoje. Embora esse tipo de liberdade assuma diferentes formas em diferentes áreas disciplinares, a ideia subjacente é atraente tanto para as humanidades como para as ciências sociais e naturais. Não deveríamos desejar que outras partes da Universidade desfrutem a mesma liberdade? Ou será isso querer demais?

Terceiro, podemos interpretar o número cada vez maior de Ubias como um meio de as Universidades renovarem sua confiança na cultura da vida acadêmica. Isso decorre da perda de intimidade e do esmorecimento do diálogo que, infelizmente, caracterizam hoje a realidade de muitas universidades em um sistema de educação superior de massa. Os IEA existentes evidentemente funcionam como fonte de inspiração nesse aspecto. Não é fato que todas as universidades modernas consideram as desvantagens de seu tamanho e a maciça divisão de trabalho nos ambientes de pesquisa modernos como obstáculos à comunicação e ao intercâmbio?

Quarto, os Ubias são um reconhecimento simbólico da obrigação de as Universidades apoiarem pesquisas de alto nível e se comprometerem com padrões altíssimos de excelência – os quais, naturalmente, têm de ser estendidos à Universidade como um todo. Preservar esses padrões é certamente uma das tarefas mais importantes em todos os líderes de uma Universidade. Nessa perspectiva, os Ubias podem servir como um exemplo ou lembrete constante da importância de manter os mais altos padrões de qualidade.

Por fim, um aspecto surpreendente dessa explosão de novos IEA talvez seja

que esse tipo de instituição exclui enfaticamente o ensino. Não é uma reviravolta surpreendente o fato de as Universidades estarem adotando um modelo – os Institutos de Estudos Avançados – que já foi uma alternativa explícita a elas mesmas e a sua ênfase desmedida no ensino e na formação? Um Instituto de Estudos Avançados certamente não é apenas mais um departamento da Universidade. Como então explicar que os Ubias continuem prosperando num momento em que as principais Universidades do mundo, quase unanimemente, destacam a importância sempiterna de integrar ensino e pesquisa? Isso vale também para a Alemanha, onde as ideias de Humboldt ainda são norteadoras importantes. Os Ubias certamente não podem ser um modelo para as Universidades nesse aspecto. No entanto, sentimos que, em muitos outros, a pesquisa de alto nível dentro das Universidades precisa de apoio adicional – ou melhor. Se os Ubias forem bem-sucedidos nesse empreendimento, surgirão novas possibilidades de reintegrar estudantes avançados e pós-graduandos, oferecendo-lhes oportunidades valiosas para que participem das pesquisas e do discurso acadêmico em um nível verdadeiramente avançado. Visto que existem certas tensões entre esses objetivos diferentes, podemos antever várias soluções viáveis. Obviamente, esse é um assunto importante a ser discutir aqui.

Conclusão

Nesta breve apresentação, tentamos apresentar um panorama inicial de como um grupo representativo de Institutos de Estudos Avançados sediados em Universidades descreve a si mesmo: trata-se apenas de uma primeira impressão das diferentes configurações e estruturas institucionais, das suas características essenciais e das múltiplas variedades, das opções envolvendo as realidades dos Ubias existentes em seus contextos locais específicos ao redor do globo. Temos a firme esperança de que essa conferência oferecerá orientação e estímulo para o desenvolvimento ulterior dos Institutos que já existem, e que encorajará todas aquelas Universidades ao redor do mundo que no momento consideram a criação de Institutos similares. O futuro da Universidade no século XXI e o papel dos Ubias em promover a pesquisa acadêmica são temas de importância verdadeiramente global, que dizem respeito a todos nós. Esperamos ouvir ao longo desta conferência a opinião de todos os Institutos participantes acerca desses assuntos instigantes.

Werner Frick é presidente do Conselho Diretor do Instituto Freiburg de Estudos Avançados (Frias) da Universidade de Freiburg, Alemanha.

@ – werner.frick@frias.uni-freiburg.de

Carsten Dose é diretor executivo do Frias. @ – info@frias.uni-freiburg.de

Anna Ertel é assistente de direção do Frias. @ – anna.ertel@frias.uni-freiburg.de

Apresentação feita pelos autores na conferência “University-Based Institutes for Advanced Study (Ubias) in Global Perspective: Promises, Challenges, New Frontiers”, realizado de 25 a 27 de outubro de 2011, no IEA da Universidade de Freiburg, Alemanha.

Tradução de Carlos Malferrari. O original em inglês –“Mapping the world of Ubias: an introductory survey based on a questionnaire sent to all participating institutes” – encontra-se à disposição do leitor no IEA-USP para eventual consulta.

Recebido em 13.7.2011 e aceito em 20.7.2011.